

LEANDRO GOMES DE BARROS

Casamento e Divorcio  
DA  
LAGARTIXA



A' venda na casa do auctor—Afogados—Per-  
nambuco e na Agencia Geral:  
Typ. GUAJARINA—S. Matheus, 40—Tel, 1241

A EDICTORA — RECIFE

1922

LEANDRO GOMES DE BARROS

Casamento e divorcio

— DA —

**LAGARTIXA**

Não ha quem viva no mundo  
Que não deseje gosar,  
Desde o velho á creancinha  
Quer a vida desfructar,  
E ludo aspira o amor  
Porque viver diz amar.

Disse a lagartixa um dia:  
— Eu só ficarei solteira,  
Se não achar nesta terra  
Um diabo que me queira,  
Procurarei desde as casas  
Até o largo da feira.

Mamãe com quarenta annos  
Estava ficando titia,  
Mas tomou uma cachaça  
Da mais forte que havia,  
Foi a feira achou papae  
Voltou rica nesse dia.

E' o que eu faço tambem...  
Tomo um dia uma cachaça,  
Vou para a ponta da rua

Alli nem mosquito passa,  
E só volto com um marido,  
Ou emprestado ou de graça.

Mamãe dizia uma coisa  
Eu achava aquillo exacto:  
Quando faltar o cachoro  
Se pôde caçar com gato  
E não tendo um desses dois  
Então bota a mãe no matto.

Uma tia disse a ella:  
—Minha filha não se veixe!  
Respondeu a lagartixa:  
—O que vir na rede é peixe,  
Eu vou procurar marido  
Se achar muito trago um feixe.

A lagartixa então sahiu  
Vendendo azeite á canada  
Encontrou com o calango,  
Uma alma dispersada,  
Que andava com a molestia  
Procurando namorada.

O calango suspirava  
Pela vida de casado,  
A lagartixa tambem  
Tinha se desenganado,  
Que não acharia nunca  
Quem fosse seu namorado.

Quando o calango viu ella  
Ficou de sedenho armado,  
Disse comsigo: já sei  
Hoje volto afigurado,  
Tambem disse a lagartixa:  
—Já encontrei namorado.

Cumprimentaram-se ambos  
Com grande contentamento,  
O Calango com requebros  
Ella com derretimento,  
Com cerimonia um do outro  
Não trataram casamento.

Ella perguntou-lhe apenas  
Como elle se chamava,  
Elle perguntou a ella  
Onde o pae della morava,  
Se a mãe não tinha ciume  
Quando ella passeava.

Respondeu a lagartixa  
—Papae faz a cara feia,  
Tem dias que elle se zanga  
Jura de meter-me a peia,  
Mas eu saio na lua nova  
E volto na lua cheia.

Era um namoro rombudo...  
Ella chamava negrinho,  
Calango ilocava a cauda

Pedia a ella um beijinho  
A lagartixa dizia-lhe:  
Espere ahi, meu anjinho.

O velho ás vezes dizia:  
—Eu queio sinceridade;  
A mãe della então dizia  
—Meu velho isto é bestidade,  
Rapaz brincar com uma moça  
São coisas da mocidade.

Voce já está esquecido  
Do tempo do nosso amor?  
Eu era como uma abelha  
Você como um beija-flor?  
Eu desfructava em seus braços  
O mais suave calor...

A mãe afrouxava ella  
Sendo uma moça solteira,  
Calango dava-lhe o braço  
Iam passear na feira,  
Si a fome os não apertasse  
Passavam semana inteira.

O pae de nada sabia  
Porque vivia por fóra,  
Calango metteu-se dentro  
Como quem diz «é agora»,  
O velho de longe assim  
Não vê se a filha namora.

Ora, o pae da lagartixa  
Era um pobre analphabeto  
Entendia que calango  
Fosse um mulato correcto,  
Quando veio abrir os olhos  
Foi tarde, já tinha neto.

O velho lagarto foi  
Queixar-se á auctoridade,  
Foi se queixar que calango  
Fez-lhe aquella falsidade,  
Deshonrou a filha delle  
Sendo de menor idade.

Nesse tempo o cururú,  
Era subdelegado,  
O° velho foi lá chorando  
Porque estava injuriado,  
O cururú disse: volte  
Que você será vingado.

O calango conhecendo  
Do geito que a coisa ia,  
Esabendo que a justiça  
Com certeza o prendia,  
Disse: uma retirada  
E' signal de valentia.

Ora, sahiu o calangro  
Pelo mundo foragido,  
A lagartixa tambem

Se poz ao fresco escondido,  
Tanto que quando voltou  
Ja foi com outro marido.

Pensou consigo o calango:  
— Não devia ser ingrato,  
E não voltando dalli  
Seria como de facto,  
E mesmo era cobarde  
Se não sahisse do matto.

A lagartixa o amava  
Com tanta sinceridade,  
Pois desde a primeira vista  
Que lhe tomou amisade,  
E assim era calango  
Baixar a dignidade.

Quando o calango voltou  
Achou um roulo tremendo  
A lagartixa lhe disse:  
Fiz uma que me arrependo  
Já dei com os burros nagua  
Mas deixe está que me emendo.

A lagartixa por isso  
Tomou tres surras de peia,  
Calango tambem passou  
Oito dias na cadeia,  
Para perder o costume  
De namorar filha alheia.

Casou-se sempre o calango  
Embora fosse obrigado,  
Boutou um grande negocio  
Tratou de ser homem honrado,  
A lagartixa em trez dias  
Vendeu dalli tudo fiado.

O Calango comprou tudo  
Fiado ao camaleão,  
Entregou á lagartixa  
Foi tratar de uma eleição.  
Quando voltou não achou  
Nem onde tinha armação.

Atè o proprio balcão  
Ella o tinha empenhado;  
Deu para embrulhar sabão  
O livro do apurado,  
Os utencilios da venda  
Tudo já tinha voado.

O calango com aquillo  
Entristiceu de repente,  
Exclamou:—mulher damnada  
Voce me deixou doente  
Me diga agora que conta  
Presto eu ao meu parente.

A lagartixa lhe disse:  
Não precisa se vexar,  
Seu primo camaleão

Por isso não vae lhe dar,  
Dê-lhe uma satisfação  
Diga que vae arranjar.

O calango respondeu  
—Eu não passo por velhaco  
Respondeu-lhe a lagartixa  
—Voce ainda dá cavaco?  
Os calotes do commercio  
Hoje se chamam buraco.

Então o calango disse:  
—Veja se bota o almoço;  
Respondeu-lhe a lagartixa  
—Tenha paciencia, moço,  
A falta de dois vintens  
Eu hontem comi ensoço.

E se você voltou liso  
Damna-se agora o negocio,  
Póde arruamar logo a trouxa  
E vamos abrir divorcio,  
Caixeiro sem capital  
Só nos loucros será socio.

Marido sem nem um X  
Não quero, esse não acóde,  
Não tem que fazer zangado  
Nem que puxar o bigóde,  
Mulher hoje em dia é luxo.  
E luxo só tem quem póde

Mamãe dizia ao papae:  
— Se estiver aborrecido,  
Me avise logo com tempo  
Póde ficar prevenido,  
Da forma que eu mudo a saia  
Mudo também o marido.

E note bem que já faz  
Mas de mez que estou casada,  
E não aguento mais  
Esta vida assim privada,  
Trabalhar para comer?  
Vôte, seu Zé, vae lá nada....

O Calango disse a ella:  
— Mulher, não fale em divorcio!  
Respondeu-lhe a lagartixa:  
— Você parece um beccio,  
Escolha, de duas, uma  
Ou deixal-o ou dar-lhe socio.

Agora estou conhecendo  
A vida é uma pilheria,  
Antes viuva contente  
Do que conservar-se seria,  
Quem adoptar a meu systema  
Nunca se vê na miseria.

Com quatro coisas no mundo  
Eu tenho me ençabulado  
Com candieiro vasando,

Com fogão desmantellado,  
Com almofada sem birro  
E homem desempregado.

Disse o calango: é bonito  
Você se divorciar,  
Abandonar seu marido  
E o povo a sensurar,  
Seu nome ficar na rua  
Gato e cachoro a falar.

Disse então a lagartixa:  
Deixe quimarem meu nome,  
Eu não quero è que se diga  
Essa damnada não come,  
De que dizer-se é honrada  
Mas está morrêndo a fome,

O calango alli ficava  
Que nem podia fallar,  
Quando ouvia ella dizer  
Eu vou me divorciar,  
Puchava tanto as barbas  
Que só faltava arrancar.

Dizia ella: rapaz  
Não se veixe, isto è asneira,  
Existem duas fartura:  
E de mulher e poeira,  
Debaixo de qualquer ponte  
Você acha tantas queira.

Mulher feia e homem ruim  
Isto todo dia augmenta,  
A fartura já é tanta  
Que o mundo não se aguenta,  
Eu foi ver se achava um  
Encontrei mais de quarenta.

Disse o calango: meu pae  
Tão bem casado viveu!  
A lagartixa lhe disse:  
—Então era como o meu,  
Mamãe tinha dez maridos  
Nove foi papae quem deu.

O namoro suja o nome  
Eu conheço que é exacto,  
Mas eu não tenho dinheiro  
Namoro cachorro e gato,  
Do ar só deixo urubú  
E da terra carrapato.

Por favor ouça mais essa  
Se não fôr verdado diga:  
—Capricho familiar  
Resulta sempre a intriga  
Honestidade não veste,  
Honra não enche barriga.

O Calango disse a ella:  
Minha mãe viveu honrada  
Se acabou núa e com fome

Porem nunca foi manchada...  
Respondeu a lagartixa:  
Tambem morreu desgraçada.

Minha avó morreu velhinha  
Porem no lugar que ia  
Quinze, vinte namorados  
Todas as vezes trazia,  
Fóra muitos que ficavam  
Que meu avô não sabia.

E aquella minha prima,  
Você sabe ella quem é  
Casou com tijuassú  
Tem filhos de Jacaré,  
Mas nem por isso o marido  
Ainda perdeu-lhe a fé.

Disse o calango: você  
Só pensa no que é ruim,  
Respondeu-lhe a lagartixa:  
—Meu avô dizia assim,  
O mel por ser bom demais  
As belhas dão-lhe fim.

Disse o calango, já sei!  
Você não quer mais ser minha  
A lagartixa lhe disse:  
Quando nasci foi sosinha,  
Pegar trez e soltar um  
Disso já estou cançadinha.

O calango perguntou-lhe:  
Tens algum no pensamento?  
Respondeu-lhe a lagartixa  
—Antes do meu casamento  
Eu já andava aos abraços  
Com seu primo papavento,

Calango ficou alli  
De tudo desesperado  
Exclamou em alta voz:  
—Papavento desgraçado,  
Não respeitou a mulher  
Com quem eu era casado.

Entrou logo numa loja  
Comprou um grande cutello  
Ferro que não envergasse  
Nem se quebrasse a martello,  
Mandou chamar papavento  
Para bater-se em duello,

Limpou as armas bem limpas  
E amolou e facão,  
Escovou o bacamarte  
Apertou o einturão,  
Muniu bem a caturcheira  
S seguiu na direcção,

Levou como testemunha  
O bezouro mangangá  
E avisou o papavento

Que se preparasse lá!  
Disse o papavento: diga-lhe  
Que pode vir, eu estou cá.

Chegou então o calango  
E fallou ao papavento,  
Um de nós descera hoje  
Ao chão do esquecimento  
Eu já dei terminações  
Até do meu testamento.

Então disse o papavento:  
—A vida é quasi uma pêta  
O risco que corre a broca  
Corre tambem a marreta  
Eu não sou como saguim  
Para morrer com careta.

Então disse a lagartixa:  
Quero ver quem cae primeiro  
O que ganhar já sabe,  
Foi elle o melhor guerreiro,  
Eu corro os bolsos do morto  
Para ver se tem dinheiro,

Calango atirou primeiro.  
Papavento se livrou,  
Naquelle mesmo momento  
Nelle tambem atirou:  
Celango era muito destro  
Do tiro se desviou.

Trocaram mais quatro tiros  
Porem nenhum attingiu,  
O papavento puchou  
Pela espada e partiu,  
Logo no primeiro encontro  
A lagartixa sorriu.

Disse: bravos papavento  
Gostei de ver teu systema:  
Bater logo a ferro frio  
Inda que chore ou que gema  
Naquelle momento viram  
O gato e a seriema.

O papavento correu  
E subiu por um cipó,  
A lagartixa, coitada  
Essa ficou que fez dò,  
A seriema comeu-a  
Par não deixal-a só.

O papavento sahiu  
Que parecia um corisco  
Subiu num cipó e disse;  
Eu aqui não corro risco,  
O gato foi ao calango  
E fez delle um petisco.

A seriema pegou  
A lagartixa no meio  
Saboreou-a no bico

Ficou com o papo cheio  
Isso resulta á pessoa  
Que sorri do mal allheio.

Papavento olhou de cima  
Disse: couro velho espicha,  
Eu ia me desgraçando  
No namoro dessa bicha,  
O diago é quem quer mais  
Namoro de lagartixa.

O Calango se acabou  
Eu quasi que tenho fim,  
Lagartixa tão caipora  
Nunca tinha visto assim,  
Mil diabos a carregue  
Para bem longe de mim.

D'agora em diante sei  
Quanto custa namorada,  
Logo a primeira que tive  
Foi assim es toporada.  
A segunda, com certeza,  
Inda será mais damnada,



# LITTERATURA SERTANEJA

Historias á venda na Agencia Geral no Pará

40—S. MATHEUS—49

FOLHETOS DE 16 PAGINAS

Allemanha nadando sobre um mar de sangue  
A Chegada do Dr. Lauro Sodré no Pará  
Echos da Patria—O Torpedeamento do vapor Macas  
Historia de Pedro Cem  
O Casamento e Divorcio da Lagartixa  
Debate do Cégo Aderaldo com o Jaca-molle  
A victoria de um gallo  
Peleja do Cégo Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum  
A Vida do Seringueiro  
Peleja de Manoel do Rlachão com o Diabo  
O Governo e a Lagarta contra o Fumo  
Peleja de Bernardo Nogueira com o Preto Limão  
A Menina que falou  
A Grande Guerra  
O Naufrágio do Uberaba (Ernesto Vera)  
A Sorte dos Naufragos " "  
A Morte do Poeta  
A Festa dos Bichos ou Aventuras d'um porco embriagado  
Peleja de João Peroba com o menino Pericó  
O Naufrágio do Uberaba (Firmino Amaral)  
Desafiado Cégo Aderaldo com Zé-Francalino  
O Escravo do Diabo ou o Afilhado de Santo Antonio

FOLHETOS DE 24 A 32 PAGINAS

Historia de Zezinho e Mariquinha  
Historia de Juvenal e Leopoldina  
Historia do Valente Villela e o Alferes  
Branca de Neve e o Soldado Guerreiro  
O Diabo e o Soldado  
Princesa de Pedra-fina

FOLHETOS DE 40 A 48 PAGINAS

Historia de João de Deus e o Diabro Negro  
O Principe e a Fada  
A Mulher Roubada  
A Rosa do Adro  
A força do Amor  
A vida de Cancão de Fogo  
O Boi Misterioso

Grande abatimento para um milheiro de uma só obra



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).